

UMA SEMANA DECISIVA

por Mário Soares

Na próxima quinta-feira reúne em Londres o G20, donde se esperam decisões decisivas contra a crise global que nos afecta. Os países presentes representam 85% a 90% do PIB mundial, mas cerca de 172 países estão ausentes, entre eles Portugal, como explicaram Kamallesh Sharma, Secretário Geral da Commonwealth e Abdou Diouf, Secretário Geral da Francofonia, num artigo recente do Le Monde.

Trata-se, portanto, de um encontro dos grandes e poderosos da Terra. Mas, espera-se, que ao tomarem decisões, que respeitam a todos, se lembrem não só dos interesses próprios mas também dos outros, dos não representados, obviamente, os mais pobres.

Os Objectivos do Milénio, definidos pelas Nações Unidas e subscritos por todos os Chefes de Estado e de Governo do Planeta, não podem ser letra morta e devem estar presentes na Cimeira de Londres. Em especial a luta contra a pobreza, as desigualdades sociais, mesmo nos países mais desenvolvidos, e as ameaças que pesam sobre o Planeta.

Em princípio, estarão na reunião de Londres, pela União, os quatro ditos "grandes" europeus (Alemanha, Itália, França, Reino Unido) e mais dois "sugeridos", ao que dizem os jornais, pelo Presidente Sarkozy (a Espanha e a Holanda); os Estados Unidos, com a presença pessoal de Barack Obama que, pela primeira vez, desde que é Presidente, se desloca à Europa; os países emergentes (Brasil, Rússia, Índia e China); o Japão, o Canadá e o Secretário Geral da ONU; e ainda representantes do FMI, do Banco Mundial, da Organização Mundial do Comércio, salvo erro, e o Presidente da Comissão da União Europeia. Uma reunião feita fora do quadro das Nações Unidas e em contradição com a igualdade entre todos os Estados-membros da União Europeia...

Apesar disso, que vem do passado, é uma reunião muito importante porque os "grandes" vão ter de aprender, pela primeira vez, a partilhar e a inventar um novo modelo económico, visto que não só a América do Norte como o resto do Mundo e a União Europeia, vão ter de se pôr de acordo quanto às estratégias de ataque à crise e de entrar numa "nova era", a expressão é de Obama...

Não se trata do fim do capitalismo nem de "salvar o capitalismo", tal como o conhecemos. Trata-se de limpar o sistema bancário de todos os truques e roubalheiras de que temos vindo a tomar conhecimento, de acabar com os paraísos fiscais e de fiscalizar a sério os hedge funds, de reformular instituições hoje obsoletas, como o Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio, de regulamentar a globalização, impondo princípios éticos para a governação económica mundial e de acabar com os produtos financeiros tóxicos, como lhes chamam agora com eufemismo...

Claro que tais medidas implicam políticas fortes de protecção social, para diminuir o desemprego, valer às pequenas e médias empresas, evitar as falências das instituições financeiras e seguradoras e integrar os mais pobres e os imigrantes que vivem em condições deploráveis. E, ao mesmo tempo, elaborar políticas ambientais que diminuam a poluição e defendam os equilíbrios ecológicos do Planeta, o que obriga a uma reforma energética à escala global, evitar o proteccionismo e encontrar regras que não sejam injustas para os países em desenvolvimento, relativamente aos preços dos bens alimentares e das matérias primas.

Com a implosão pacífica do comunismo, em 1989-90 e agora o descrédito profundo do neo-liberalismo só há um caminho exequível e experimentado: o socialismo democrático, a social-democracia ou o trabalhismo, mas a sério. Isto é: voltando aos seus antigos valores.

É uma reunião que pode ser um marco histórico quanto às mudanças necessárias para vencer a crise e quanto às regras e valores éticos a seguir no futuro. Mas haverá vontade política de iniciar, de facto, uma nova era? Estão os dirigentes europeus, onde figuram tantos rostos, que foram fiéis aliados de Bush e partidários confessos do neo-liberalismo, a alinhar com a estratégia já definida por Barack Obama, pondo de parte as promessas retóricas e gratuitas que até agora têm feito, com o objectivo secreto de que tudo fique na mesma? É duvidoso. Como é pouco provável que os representantes dos países emergentes, tão diferentes entre si, alguns com grandes dificuldades internas, como a China, que continuando a ser uma ditadura comunista se converteu ao neo-liberalismo económico mais selvagem, ou a Rússia, a Índia e até o Brasil que, com sistemas políticos mais ou menos democráticos se vêem agora a braços com a necessidade imperiosa de mudar radicalmente as políticas para vencerem a crise que igualmente os afecta.

É uma nova era global que se vai debater na reunião de Londres que, insisto, não terá sido o sítio certo para a realizar, perante a expectativa (e talvez o deficit de informação para o exterior) dos outros 172 países que são membros das Nações Unidas e, embora mais pobres e muito menos populosos, têm direito, no plano democrático, a ter voz.

Sigamos, pois, com a maior atenção, o que se passará em Londres na reunião do G20. Há uma novidade de monta, pelo menos: pela primeira vez não falam só os ricos. Há, igualmente, a voz dos que têm uma nova estratégia global e dos que a não têm. Dos desenvolvidos e dos emergentes - com perspectivas necessariamente diferentes - dos que querem mudar e dos que alimentam o sonho impossível de que tudo fique na mesma, com ligeiríssimas mudanças de retórica, dos que têm problemas imediatos a resolver e opiniões públicas ululantes a que, necessariamente, devem prestar contas e os outros, para os quais tem sido mais fácil, até agora, a opressão pura e simples...

No entanto, apesar das diferenças enormes existentes, todos os representantes dos países que se sentarem à mesa de Gordon Brown, têm um peso imenso - e uma responsabilidade enorme - sobre os seus ombros: a crise global múltipla, financeira, económica, social, ambiental, energética, alimentar e, sobretudo, de valores éticos e civilizacionais. E está longe de estar vencida. O que torna indispensável que se mude radicalmente de sistema, para evitar as convulsões e as revoltas violentas das populações, que se anunciam, senão se lhes abrirem os caminhos da esperança e da confiança. Se assim não for, não queria estar na pele dos dirigentes que nos governam...

Lisboa, 31 de Março de 2009